

ARTE NOS ESTUDOS DE PAZ: UMA ABORDAGEM SOFT PARA A TRANSFORMAÇÃO DE CONFLITOS

ART IN PEACE STUDIES: A SOFT APPROACH TO CONFLICT TRANSFORMATION

LUAN DO NASCIMENTO SILVA¹
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
E-mail: luandonascimentosilva@gmail.com

Resumo: O presente artigo analisa sucintamente a inserção da arte nos Estudos de Paz e seu papel no processo de transformação de conflitos, partindo de uma perspectiva de segurança *multi-ator* com foco nas interações humanas. Concluindo, a partir da análise de duas atuações: da *RCN Justice et Démocratie* juntamente com a *Théâtre & Réconciliation* no Burundi, e da atuação do *Performing Arts for Social Change* (PASC) juntamente com o *Projeto Uepb em Ação* (PUA/UEPB) em João Pessoa-PB (Brasil). De acordo com a análise do primeiro caso, a arte se mostrou realmente efetiva em cumprir seus objetivos no setor de segurança, no entanto, compreende-se que os projetos artísticos que visam provocar mudanças sociais como forma de gerar e promover a Construção de Paz necessitam ser pensados em longo prazo e empregados de forma contínua.

Palavras-Chave: Estudos de Paz; Segurança Humana; Sensibilização pela Arte.

Abstract: *This article briefly reviews the insertion of art in the Peace Studies and its role in the process of conflict transformation, from a multi-actor security perspective focusing on human interactions. In conclusion, based on the analysis of the performance of RCN Justice et Démocratie along with Théâtre & Réconciliation in Burundi and the performance of the Performing Arts for Social Change (PASC) along with the Projeto Uepb em Ação (PUA/UEPB) in João Pessoa/PB (Brazil), which according to the analysis of the first case, the art was really effective in meeting its objectives in the security sector, however, it is understood that the artistic projects that intend to cause social changes as a way of generating and promoting peacebuilding need to be designed for long-term and need to be undertaken on an ongoing basis.*

Key-Words: *Peace Studies; Human Security; Sensitization through Art.*

¹ Graduando em Relações Internacionais pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), membro do Grupo de Estudos de Paz e Segurança Mundial (GEPASM/UEPB), extensionista do Projeto Uepb em Ação (PUA/UEPB) e pesquisador voluntário do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq - Cota 2015/2016), orientado pelo Professor Dr. Paulo Roberto Loyolla Kuhlmann.

Situando o papel da arte nos estudos de paz

Na busca por uma concepção de “paz”, Johan Galtung analisa diversas concepções ao longo da história, tanto do Ocidente quanto do Oriente, e acaba por perceber que o conceito é tão dinâmico quanto o mundo em que vivemos e, dentro dessa variedade, muitas vezes, as traduções não são exatas, mas a ideia geral dos termos encontrados é semelhante; não obstante, o autor admite a pobreza do conceito amplamente usado naquela época, e pode-se dizer, inclusive nos dias de hoje, referindo-se ao termo *pax* (de origem romana) que remete a ideia de pacto e ausência da belicosidade, servindo aos interesses (principalmente econômicos) daqueles que se beneficiam com o *status quo* interno e com um grau maior de abertura externa de um(a) Estado/comunidade (GALTUNG, 1981).

Contudo, esse incômodo com o atual conceito de paz não é encontrado somente no pensamento de Galtung, porque para Cynthia Cohen uma abordagem que trate de coexistência não-violenta não é necessariamente uma abordagem que trate de paz, mas sim da “ausência” de conflitos, então, para realmente haver uma cultura de paz, Cohen sugere a implementação de um processo de reconciliação a partir da troca de experiências entre as partes conflitantes; essa troca pode se suceder, por exemplo, através da produção artística (COHEN, 2003).

Portanto, há dificuldade de definir-se o termo “paz”, assim como há dificuldade de definir-se qualquer outro termo no âmbito acadêmico/científico, e na tentativa de Charles Webel, nota-se uma interessante comparação da paz com a felicidade e o amor duradouro:

A paz é um pilar da harmonia social, da equidade econômica e da justiça política, mas a paz também é constantemente rompida por guerras e outras formas de conflitos violentos. Como a felicidade, a paz se mantém bastante perto... E ainda, assim como o amor duradouro, parece distante...² (WEBEL; GALTUNG, 2007: 05-06).

Sendo assim, Galtung destaca a amplitude do panorama conceitual do termo para não restringi-lo a uma ideia intrínseca a uma civilização, isto é, passa a considerar como parte

² [Tradução do autor] “Peace is a linchpin of social harmony, economic equity and political justice, but peace is also constantly ruptured by wars and other forms of violent conflict. Like happiness, peace remains so near... and yet, like enduring love, so far...”

de uma cultura de paz todo e qualquer conceito que corrobore para a promoção de uma comum ideia sobre paz, seja esse conceito de origem religiosa, étnica, jurídica, ou outra.

Segundo a minha experiência, cada cultura tem algum tipo de contribuição à cultura de paz mundial. No Ocidente temos a igualdade de direitos perante a lei, na Polinésia temos o *ho'opono'ono*, na Somália o *shir*, e os índios Cheyenne nos deram o *calumet*. Essa idéia de uma procissão mundial de contribuições à cultura de paz é excelente. É uma idéia que me parece bem mais convincente do que os jogos olímpicos, que envolvem muita competição e medalhas de ouro, prata e bronze – quando na verdade precisamos de diálogo e aprendizado mútuo.³ (GALTUNG, 2003: 02).

Por conseguinte, Galtung infere sobre a necessidade da substituição das abordagens *mainstream* sobre segurança, que tem foco no Estado e no setor militar, pelas abordagens dos estudos de paz, que tem foco nos povos e indivíduos (WEBEL; GALTUNG, 2007); elencando, então, sete passos para prover a segurança através da paz. Primeiramente, deve-se implementar uma “cultura de paz” no lugar da “cultura de violência”; em seguida, deve-se pensar na “paz estrutural”, que visa reparar as falhas, e dar suporte, as interações entre os atores; outro passo é a “mediação”, cujo objetivo é amenizar as contradições entre as partes conflitantes, em busca de um consenso; daí vem a “construção de paz” com um processo de despolarização em que se tenta equiparar os indivíduos sem que eles passem a estranhar o seu eu, (re)conhecendo o outro; mais um passo é a “não-violência” que significa por em prática ações construtivas, ao contrário das ações violentas que resultam do dilema de segurança; há ainda a “conciliação”, que trata de tornar os indivíduos conscientes dos traumas mais profundos (seus e de outrem), possibilitando a renovação das relações entre os atores; logo, o passo de “criação de ciclos virtuosos” depende da combinação da paz direta, da cultura de paz e da paz estrutural, podendo resultar na paz negativa (ausência de violência) e na paz positiva (presença de aspectos que corroboram para a manutenção da paz), quando esses tipos de paz coexistem, a paz finalmente se concretiza.

Por isso, Carol Rank ao tratar de estudos de paz aborda esses dois tipos de paz, a “paz negativa” e a “paz positiva”; a primeira referindo-se à ausência da guerra e na arte é representada pelas imagens de destruição, de trauma, de violência, já a segunda refere-se às condições de manutenção do período de paz e na arte é representada por imagens que comumente simbolizam a paz, tais como a imagem do pombo branco com o ramo de

³ Grifos do original.

oliveiras (de origem bíblica), do arco-íris, do símbolo de desarmamento nuclear, dentre outros (RANK, 2008).

Segundo Gunhild Hoogensen Gjørsv, há duas perspectivas de segurança, a “segurança negativa” e a “segurança positiva”, sendo a primeira a perspectiva de segurança que foca na preservação do Estado, enquanto a segunda perspectiva foca na preservação dos indivíduos e dos grupos (GJØRV, 2012). Desse modo, conforme Ken Booth e sua teoria crítica pós-moderna sobre segurança e emancipação, entende-se que as interações que sustentam o mundo podem não envolver diretamente Estados, mas essas interações certamente envolvem os relacionamentos humanos. Além disso, Booth critica o conceito de segurança das últimas décadas, onde se enfatiza a importância do poder militar. Mesmo que para ele o poder militar seja relevante, deve-se procurar alternativas de segurança que enfatizem a segurança de grupos e indivíduos (BOOTH, 1991).

Então, Booth propõe que a emancipação é a maneira com que os povos se libertam das barreiras que os impedem de tomar decisões que eles deveriam tomar livremente, ou seja, emancipação (não poder e ordem) propicia a segurança dos povos. Ademais, Booth acredita na liberdade como o principal valor da emancipação, por isso, considerando a interdependência entre a liberdade econômica e a liberdade política, uma se faz necessário para assegurar a outra, sendo assim, o Estado também se faz necessário como um meio de assegurar as liberdades dos povos para que, então, eles possam atingir seus fins. Para Gjørsv, a teoria de emancipação de Booth abrange a perspectiva positiva de segurança que corrobora para uma abordagem *multi-ator* de segurança, onde o Estado e os atores não estatais interagem para prover a segurança dos povos em questão.

No entanto, as artes na construção da paz são, muitas vezes, desconsideradas por serem uma abordagem *soft* (em um campo já bastante *soft*) para tratar de assuntos considerados *hard* como violência e conflito (SHANK; SCHIRCH, 2008). Todavia, as artes vêm sendo usadas, ao longo do tempo, como uma forma de comunicação e de expressão dos seres humanos, portanto, caracterizando-se como instrumento de funções sociais, tendo em vista a capacidade das artes em transformar o modo de agir e pensar das pessoas e, conseqüentemente, influenciando na dinâmica dos conflitos.

Deste modo, ressalta-se também a relevância do contexto histórico e político para os artistas e a influência deles em suas comunidades; como na abordagem de Cynthia Cohen, onde o papel do artista é assimilado ao papel de um mediador, capaz de estabelecer canais de comunicação entre grupos conflitantes e, eventualmente, facilitar o processo de cura da comunidade dividida, além de proporcionar um entendimento recíproco de suas próprias experiências e de experiências de outrem através da produção artística compartilhada (COHEN, 2003). Assim como Valerie Rosoux, citando Beatrice Pouligny, expõe que os artistas “reinventam a paz” ao estabelecer essa comunicação, não só entre os grupos conflitantes, mas de forma geral entre o “público” e suas emoções (ROSOUX, 2007).

Destacando, então, a concepção de “artista” proposta por Augusto Boal que demonstra que qualquer ser humano é potencialmente um artista e que só depende dele próprio para desenvolver suas habilidades, sendo ele capaz de usar a arte para atingir, tanto direta como indiretamente, a comunidade em conflito (BOAL, 1991 e 2009).

A transformação de conflitos através da arte

Primeiramente, antes de abordarmos os casos em que soluções artísticas foram realmente empregadas para a transformação da dinâmica de conflitos, devemos nos questionar acerca da terminologia usada para tratar de conflitos e como ela pode, posterior e eventualmente, influenciar a abordagem sobre determinados contextos.

Portanto, John Paul Lederach manifesta sua preocupação no que concerne à interpretação do termo “resolução de conflitos”, ou ainda “gestão de conflitos”, porque ele notou o receio de seus colegas latino-americanos com a superficialidade dessas abordagens para tratar de conflitos bastante complexos e enraizados nas comunidades (LEDERACH, 2003). Logo, Lederach percebeu que esses termos realmente não eram coerentes com o seu trabalho, pois seu foco, na verdade, não era a resolução de conflitos, mas a busca por mudanças construtivas, por isso, a noção de “transformação” apreendia melhor o caráter de seu trabalho. Fazendo uma releitura de Lederach, Brad Spangler aponta que o próprio termo “transformação de conflitos” remete a possibilidade de transformar os resultados obtidos com o conflito, incluindo a transformação da percepção do indivíduo sobre o outro:

Transformação de conflitos também é um conceito prescritivo. Ele sugere que as consequências destrutivas de um conflito podem ser modificadas ou transformadas de modo que as autoimagens, relações e estruturas sociais

melhorem como resultado do conflito, em vez de serem prejudicados por ele. Normalmente, isso envolve a transformação das percepções sobre as questões, ações e outras pessoas ou grupos.⁴ (SPANGLER, 2003: 03).

Conforme Galtung, a transformação do conflito deve ocorrer de forma transcendente, ou seja, deve ir além dos interesses das partes envolvidas na tentativa de criar uma realidade em que seja possível uma convivência pacífica em que eles se desenvolvam, onde os dois lados se sintam felizes com os resultados (abordagem que Galtung chama de *ambos-e*), ressaltando que nessa abordagem é sugerida a mediação com profundos diálogos com cada grupo de forma separada, para que quando eles sejam postos juntos o processo de negociação flua de forma facilitada (WEBEL; GALTUNG, 2007, p. 14).

Não obstante, de acordo com Cohen, os processos de coexistência e reconciliação entre grupos/comunidades devem ocorrer de forma contínua e também devem se adequar ao histórico do conflito e ao estágio em que se encontra, destarte, esses processos geralmente tendem a flexionar (culturalmente) os atores a aprender sobre eles mesmos e sobre os outros, proporcionando uma compreensão sobre sua capacidade de responder aos problemas de forma criativa (COHEN, 2005).

Daí surge a necessidade de analisar e compreender a atuação de instituições que visam transformar a dinâmica de conflitos a partir de projetos que fomentam os processos de construção da paz através da produção artística, a exemplo da Organização Não-Governamental *RCN Justice et Démocratie*, da associação *Théâtre & Réconciliation* criada por Frédérique Lecomte, ou ainda do programa *Performing Arts for Social Change*.

Começando, então, pela *RCN Justice et Démocratie* que, de acordo com o *site* oficial da instituição, surgiu após o término da guerra civil em Ruanda, tendo em vista o genocídio de 1994 que fomentou na população um movimento de reivindicação por justiça, no entanto, como suprir essa necessidade de justiça se, mesmo com um novo governo de unidade nacional, todo o sistema judiciário do país encontrava-se desestruturado? Nesse momento, nota-se a importância da abordagem *multi-ator* (GJØRV, 2012), onde o Governo de Ruanda admite a incapacidade de administrar sozinho a situação e convida a

⁴ [Tradução do autor] “Conflict transformation is also a prescriptive concept. It suggests that the destructive consequences of a conflict can be modified or transformed so that self-images, relationships, and social structures improve as a result of conflict, instead of being harmed by it. Usually, this involves transforming perceptions of issues, actions, and other people or groups”.

comunidade internacional a intervir de forma construtiva no país, enfim conseguindo o apoio da Anistia Internacional, do Médicos sem Fronteiras, da *Common Cause* e da Associação Internacional de Advogados Democratas. E foi nesse contexto que surge a *Réseau Citoyens-Citizens Network* (RCN), posteriormente renomeada para *RCN Justice et Démocratie*, que passou a atuar não só em Ruanda, mas também em outros Estados, como Haiti, República Democrática do Congo e Burundi.

No caso do Burundi, há uma análise interessante, feita por Valerie Rosoux, da atuação da *RCN Justice et Démocratie* com colaboração da associação *Théâtre & Réconciliation*, abordando o histórico conflito étnico entre os Hutu, Tutsi e Twa, intensificado no último século. Primeiramente, vê-se que a RCN reuniu diversas histórias acerca da guerra civil em determinado local, substituindo figuras de violência por figuras que remetessem a justiça e solidariedade, sem especificar a origem étnica de nenhuma das histórias. Em seguida, inseriu-as na educação primária e secundária e, com as mesmas histórias, embasou-se a formação de grupos de apoio com performances teatrais que culminaram a priori em dois espetáculos, *Si Ayo Guhora* (2002)⁵ e *Habuze Iki?* (2005)⁶, com elencos compostos por atores das três etnias, pois ao não especificar a origem étnica da história, facilitou-se o reconhecimento dos indivíduos com os traumas relatados, ampliando a percepção dos indivíduos sobre o conflito, sobre os outros grupos étnicos, sobre seu grupo étnico e sobre si mesmo, promovendo uma noção de comum humanidade entre os grupos, ou seja, desconstruindo a imagem culturalmente construída de que o outro é “mal”, é “bárbaro”, é um “inimigo”, passando a perceber o outro como humano, assim como a si mesmo (ROSOUX, 2007).

Então, Rosoux relata que os espetáculos tiveram como base os *Workshops* aplicados por Frédérique Lecomte em diversos segmentos da sociedade, sendo esses *Workshops* divididos em duas partes, na primeira, trabalhou-se a noção de identidade e a dicotomia ator-espectador, já na segunda, trabalhou-se o conflito e os sentimentos gerados por ele. Essa metodologia assemelha-se ao do *Workshop* aplicado por Cynthia Henderson⁷ na Cidade de João Pessoa, Paraíba (Brasil), em Agosto de 2015, como parte do programa *Performing Arts For Social Change* (PASC). No caso do *Workshop PASC*, participaram acadêmicos

⁵ [Tradução] “Não é para ficar em silêncio”.

⁶ [Tradução] “O que tem faltado?”.

⁷ Especialista *FulBright*, atriz, professora associada ao Departamento de Artes Cênicas de *Ithaca College* e fundadora do programa *Performing Arts For Social Change* (PASC).

em relações internacionais e profissionais da área de teatro, abordando e questionando os altos índices de violência e também os tipos de violência mais comuns na comunidade pessoense. Na primeira parte do Workshop foi trabalhada nos participantes a percepção sobre si e sobre o que lhes é externo, enquanto na segunda parte, houve a análise dos conflitos e dos sentimentos oriundos deles, posteriormente culminando na performance teatral, intitulada *Por Quem Choramos: A Violência Descoberta*, constituída de monólogos desenvolvidos a partir de depoimentos reais de vítimas da violência na cidade.

No caso do Burundi, os resultados se tornam bem mais explícitos, tendo em vista o tempo em que o projeto vem sendo posto em prática, segundo o site oficial da RCN, desde 2000. Então, percebeu-se que projeto realmente foi eficaz, pois os espetáculos foram adaptados para o rádio (em forma de novela) e, entre performances e transmissões, alcançaram cerca de 68.000 buridienses; de acordo com Lecomte, citado por Rosoux, o grande número de espectadores confirma a efetividade do projeto em representar o sofrimento do povo local e em provocar nos indivíduos o reconhecimento de seus próprios traumas nas representações artísticas, nessa troca de experiências, constata-se um gradual aumento das interações interétnicas, isto é, ocorre “a normalização das relações entre antigos inimigos” e isso “implica que os protagonistas conseguem contar a história de forma diferente, para abordar também o ponto de vista do outro”⁸ (ROSOUX, 2007, p. 07); evidenciando-se o papel da arte em abrir um canal de catarse e reflexão dos indivíduos sobre si e sobre outrem. Citando Pierre Vincke, diretor da RCN, Rosoux aponta o papel da ficção em abordar temas complexos como traumas, violência, conflitos, etc., visto que é capaz de descrever sentimentos que dificilmente seriam descritos de outra forma.

Quanto ao programa PASC, ele se adapta e tende a capacitar as instituições dos locais onde seus projetos são desenvolvidos; capacitação essa em instrumentalizar a arte para a mudança social, tendo como exemplo sua atuação junto à *La Poderosa Media Project*, no Equador em Julho de 2014; sua atuação junto à *Beijing New Oriental School*, na China em Agosto de 2013; ou outros projetos. No caso de João Pessoa, o programa PASC objetivou capacitar o *Projeto Uepb em Ação* (PUA/UEPB), no entanto, tendo em vista a recência dessa atuação, constata-se a necessidade de um período maior de tempo para que os

⁸ [Tradução do autor] “la normalisation des relations entre anciens belligérants implique que les protagonistes parviennent à raconter autrement l’histoire, à la raconter aussi du point de vue de l’autre”.

resultados dessa associação sejam visíveis, com a formação de turmas nas comunidades violentas, para que ocorra um tratamento catártico da violência e dos conflitos.

Considerações finais

Portanto, após a análise do caso do Burundi, comprova-se a efetividade do uso das artes — seja em forma de literatura, teatro ou radionovela — na transformação da dinâmica do conflito, tendo em vista o alcance das abordagens artísticas dentro da sociedade burundiense e o aumento proporcionado por essas abordagens das interações entre os diferentes grupos étnicos (Hutu, Tutsi e Twa), facilitando o processo de reconciliação entre as partes. Da mesma forma que, em ambos os casos, nota-se a necessidade de uma atuação *multi-ator* para a realização dos projetos. Considerando como exemplos de atores as ONGs, as Secretarias de Estado ou ainda os Ministérios, a sociedade civil, as instituições religiosas, financeiras ou de ensino, dentre outros.

Contudo, confirma-se também que, mesmo que as representações artísticas consigam causar um forte impacto no “público” instantaneamente, o processo de transformação de um conflito e eventual geração e promoção da paz através da arte requer um considerável período tempo, ou seja, os projetos artísticos para a transformação de conflitos devem ser pensados em longo prazo e devem ser empregados de forma contínua.

Referências Bibliográficas

BOAL, Augusto. (1991), *Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas*. 6ª Edição, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira.

_____. (2009), *Estética do Oprimido*. Rio de Janeiro, Garamond.

BOOTH, Ken. (1991), "Security and emancipation". *Review of International Studies*, vol. 17, Nº 04, p. 313-326.

COHEN, Cynthia. (2003), "Engaging with the Arts to Promote Coexistence". In *Imagine Coexistence: Restoring Humanity after Violent Ethnic Conflict*, editado por Martha Minow e Antonia Chaves, Hoboken/NJ, Jossey-Bass.

_____. (2005), "Creative Approaches to Reconciliation". In *The Psychology of Resolving Global Conflicts: From War to Peace; Volume 3 Interventions*, editado por Mari Fitzduff e Christopher E. Stout, Westport/CT, Greenwood Publishing Group.

GALTUNG, Johan. (1981), "Social Cosmology and the Concept of Peace". *Journal of Peace Research*, vol. 18, No. 2, p. 183-199.

_____. (2003), 'O que é uma Cultura de Paz e quais os obstáculos que nos separam dela?' (São Pedro: Comitê Paulista para a Década da Cultura de Paz), <http://www.comitepaz.org.br/download/O%20que%20%C3%A9%20uma%20Cultura%20de%20Paz%20-%20Galtung.pdf>.

GJØRV, Gunhild Hoogensen. (2012), "Security by any other name: negative security, positive security, and a multi-actor security approach". *Review of International Studies*, vol. 38, Nº 04, p 835-859.

LEDERACH, John Paul. (2003), "Conflict Transformation". In *Beyond Intractability*. Editado por Guy Burgess e Heidi Burgess, Conflict Information Consortium, Boulder, University of Colorado, <http://www.beyondintractability.org/essay/transformation>.

PERFORMING ARTS FOR SOCIAL CHANGE. (2015a), 'About PASC: What is Performing Arts for Social Change?' (Ithaca: Performing Arts For Social Change), <http://www.pa4sc.com/about-pasc.html>.

_____. (2015b), 'Projects: A few projects PASC has been involved with!' (Ithaca: Performing Arts For Social Change), <http://www.pa4sc.com/projects.html>.

RANK, Carol. (2008), 'Promoting Peace Through The Arts: The Role Of Anti-War And Peace Art In Building Cultures Of Peace'. (Bellaterra: Escola de Cultura de Pau), http://escolapau.uab.cat/img/programas/musica/peace_through_arts.pdf.

RCN JUSTICE ET DÉMOCRATIE. (2015a), 'Historique' (Bruxelas: RCN Justice et Démocratie), <http://www.rcn-ong.be/-Histoire-?lang=fr>.

_____. (2015b) 'Programme 2000 - 2002 "Appui à la Justice au Burundi"' (Bruxelas: RCN Justice et Démocratie), <http://www.rcn-ong.be/-Janvier-2000-Decembre-2002-Appui-a-?lang=fr>.

ROSOUX, Valérie. (2007), "Arts et Résolution des Conflits". In *Culture et relations internationales*, editado por F. Massart, Louvain-la-Neuve, Presses universitaires de Louvain, p. 101-110.

SHANK, Michel e SCHIRCH, Lisa. (2008), "Strategic Arts Based Peacebuilding". *Peace & Change*, vol. 33, Nº 2, p. 217-242.

SPANGLER, Brad. (2003), "Settlement, Resolution, Management, and Transformation: An Explanation of Terms". In *Beyond Intractability*. Editado por Guy Burgess e Heidi Burgess, Conflict Information Consortium, Boulder, University of Colorado, <http://www.beyondintractability.org/essay/meaningresolution>.

THÉÂTRE ET RÉCONCILIATION. (2015), 'Art & Transformation Des Conflits: Théâtre & Justice au Burundi' (Bruxelas: Theatre et Rèconciliation), <http://theatreconciliation.org/en/theatre-justice-au-burundi>.

WEBEL, Charles e GALTUNG, Johan. (2007), *A Handbook of Peace and Conflict Studies*. London and New York, Routledge.